



UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA

CAMPUS III

CENTRO DE HUMANIDADES

CURSO DE GRADUAÇÃO LICENCIATURA PLENA EM LETRAS

MARIA AURICÉLIA DE OLIVEIRA FERREIRA

A VARIAÇÃO LINGUÍSTICA NO ENSINO DE LÍNGUA MATERNA

**Guarabira – PB
2013**

MARIA AURICÉLIA DE OLIVEIRA FERREIRA

A VARIAÇÃO LINGUÍSTICA NO ENSINO DE LÍNGUA MATERNA

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Graduação Licenciatura Plena em Letras da Universidade Estadual da Paraíba, em cumprimento à exigência para obtenção do Grau de Licenciada em Letras.

Orientadora: Prof^ª. Dr^ª Edilma de Lucena Catanduba.

Guarabira – PB
2013

É expressamente proibida a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano da dissertação.

F38v Ferreira, Maria Auricélia de Oliveira

A variação linguística no ensino de língua materna [manuscrito]

: / Maria Auricélia de Oliveira Ferreira. - 2013.

30 p.

Digitado.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Letras) -
Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Humanidades, 2013.

"Orientação: Edilma de Lucena Catanduba, Departamento de
LETRAS".

1. Língua portuguesa. 2. Português - Ensino 3. Variação
linguística. I. Título.

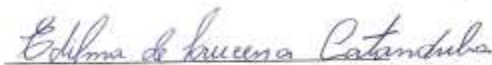
21. ed. CDD 410

MARIA AURICÉLIA DE OLIVEIRA FERREIRA

A VARIAÇÃO LINGUÍSTICA NO ENSINO DE LÍNGUA MATERNA

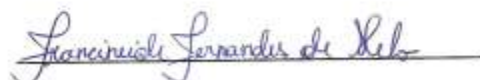
Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Graduação Licenciatura Plena em Letras da Universidade Estadual da Paraíba, em cumprimento à exigência para obtenção do Grau de Licenciada em Letras.

Aprovada em 10/12/2013



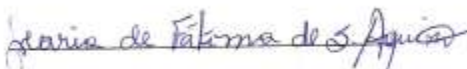
Prof. Dr^a Edilma de Lucena Catanduba/UEPB

Orientadora



Prof. Mes: Francineide Fernandes de Melo/UEPB

Examinadora



Prof. Dr^a Maria de Fátima de Souza Aquino/UEPB

Examinadora

RESUMO

A língua é produzida socialmente, através da interação entre o homem e a sociedade, tendo um importante papel nas relações humanas. No processo de ensino e aprendizagem com relação às modalidades, o que se deseja é proporcionar ao aluno, saber, adequar os recursos expressivos das modalidades da língua às diversas situações comunicativas, sejam elas no padrão formal ou coloquial. Ou seja, com essas formas os falantes da língua portuguesa conseguem interagir nas diferentes situações de comunicação social. Considerando esse pressuposto, o presente artigo aborda a influência das modalidades padrão e não padrão e a importância da variação linguística no ensino de língua portuguesa. Refletimos sobre quando e onde devemos utilizar corretamente cada uma dessas modalidades e que influência o ambiente social tem sobre elas. Abordamos também a questão do preconceito linguístico com relação à variedade linguística não padrão existente nas diversas regiões do país. Este artigo tem o objetivo de refletir sobre a importância de inserir o estudo da variação linguística no ensino de língua portuguesa nos níveis fundamental e médio, deixando para trás a ideia de que apenas a modalidade padrão é a correta.

PALAVRAS-CHAVES: Língua, Sociedade, Ensino.

¹ Graduanda do Curso de Licenciatura Plena em Letras da Universidade Estadual da Paraíba, Campus III. E-mail: auriceliaof@yahoo.com.br.

INTRODUÇÃO

Todo indivíduo possui uma identidade social e esta identidade é direcionada por fatores extralinguísticos, que dão a língua um caráter heterogêneo, ou seja, cada ser produz uma variação linguística, dependendo dos fatores geográficos, sociológicos e contratextuais. No Brasil, a língua materna é o português, mas nas diversas regiões do país cada nativo desta nacionalidade, mesmo sabendo sua língua de origem, produz novas variedades, isso significa que a língua não é uniforme, e sim heterogênea, pois é constituída de muitas variações linguísticas. No contexto escolar, estas variações precisam ser consideradas e a escola tem o dever de explicitar as formas de linguagem coerentes para cada momento da vida social e familiar do seu educando. O objetivo da escola é, segundo Possenti (2006, p.33), “ensinar o português padrão, ou, talvez mais exatamente, o de criar condições para que ele seja aprendido, qualquer outra hipótese é um equívoco político e pedagógico”. Com isso, não se tinha até algum tempo atrás “espaço” para o ensino das variedades não padrão. No ensino, a língua padrão é repassada para os educandos, como a única forma correta de falar e escrever nas diversas situações do cotidiano.

Sabemos que a variação linguística é uma realidade social, a escola precisa reconhecê-la como um ponto importante no contexto educacional. É preciso compreender que a norma padrão é apenas uma das variedades possíveis de comunicação em meio a tantas outras existentes nas mais diversas camadas sociais.

Partindo deste pressuposto a motivação pela temática da variação linguística surgiu porque na escola se evidenciam realidades linguísticas diferenciadas. Os alunos muitas vezes falam de uma forma muito distante daquela que é apresentada pela gramática tradicional. As variações são de diversos níveis, lexical, fonético, fonológico, sintático. Na variação lexical (ou vocabular), por exemplo, a palavra tangerina pode constar no vocabulário de alguns alunos (as), enquanto outros conhecem a fruta tangerina com o nome de laranja cravo. E outros alunos identificam tal alimento com o nome de mexerica. Quanto à variação fonética, esta é muito rica, a palavra porteira, por exemplo, se apresenta com a pronúncia do (R) variando em diferentes regiões do país. Com relação à variação morfológica, observamos que uma grande maioria de pessoas não utiliza, por exemplo, a flexão verbal na segunda pessoa do singular *tu*. Em lugar do *tu*, emprega-se a flexão verbal na

terceira pessoa do singular *ele*. Exemplo: *tu vai à feira amanhã*, em vez de *tu vais à feira amanhã*. E por fim, a variação sintática que pode ser exemplificada pelo uso de regências trocadas de verbos como *ver* e *assistir*. O verbo *ver* é transitivo direto já o verbo *assistir* é transitivo indireto. Mas há um largo uso do verbo *assistir* como se ele fosse transitivo direto. Isso se confirma em orações como: *Eu vi o filme/ Eu assisti ao filme*, *segundo a norma padrão deveria ser, Eu assisti ao filme*.

As formas variantes utilizadas pelos os alunos (as) não são “erradas”. Elas são possíveis no sistema da língua e explicáveis se forem levadas em conta questões relativas ao uso e não apenas à norma. No entanto, sabe-se que existem alguns fatores que interferem no trabalho do professor e que impedem que a temática da variação linguística seja abordada. Dentre esses fatores destacamos a ênfase no ensino tradicional, especialmente com foco na gramática. Assim, o que justifica o nosso estudo é a compreensão da necessidade de estudar as variações, na perspectiva do uso da língua escrita e falada.

Para a construção deste artigo, foi realizada a pesquisa teórica, a leitura dos autores que tratam da temática da variação e a pesquisa prática, através de questionário aplicado junto às professoras do ensino fundamental e médio, em duas escolas, (uma escola de ensino fundamental e uma de ensino médio). Assim, participaram da pesquisa quatro professoras do ensino fundamental e médio, em duas escolas públicas da cidade de Riachão, a escola Estadual Pedro Ribeiro de Lima (trata-se de uma escola de ensino médio), e a Escola Municipal de Ensino Fundamental Menino Jesus. Na Escola Estadual participou da pesquisa uma professora que leciona do primeiro ao terceiro ano do ensino médio. Nesta pesquisa identificamos esta professora como professora A. Na escola municipal, participaram da pesquisa três professoras que ensinam em turmas do 7º ao 9º ano. Estas são identificadas na pesquisa como professoras B, C e D.

Com relação à parte teórica, tomamos como referencial os estudos de Travaglia(2001), Possenti (2006), Almeida (2006), Geraldi (2006), Leite(2006), Castilho (2001), Taralo (1990), Perini (1992), Alkmim (2005), Bagno (2001), dentre outros os parâmetros curriculares nacionais. A seguir teremos um breve resumo do que será trabalhado nos seguintes tópicos, no primeiro veremos um panorama geral do ensino tradicional e as metodologias usadas nas escolas pelos profissionais que trabalham com esse método. Percebemos os benefícios e desvantagens desta metodologia de ensino.

No segundo item, observaremos a importância do estudo da variação linguística no ensino de língua materna: o relacionamento da escola e dos educadores com seus educandos que possuem um grande e riquíssimo dicionário de variedades linguísticas.

No terceiro momento, veremos um breve histórico sobre linguagem formal, informal e contextos sociais. E por fim, encerraremos o trabalho com a análise dos dados coletados na pesquisa feita com professoras do ensino fundamental e médio da cidade de Riachão.

1. Panorama Geral do Ensino Tradicional

O ensino tradicional teve origem datada do século XVIII, nas escolas públicas da França, a partir do iluminismo¹¹. O método tradicional tem como objetivo maior universalizar o acesso do indivíduo ao conhecimento.

Sabemos que, em muitas escolas do país, ou seja, no Brasil o método que prevalece até os dias atuais é o tradicional. Nesta perspectiva, as aulas são expositivas, com muita teoria e exercícios sistematizados para a memorização. Não existem atividades práticas que permitam aos alunos participarem. Se a formação de um aluno crítico e criativo depende justamente da participação, da interação e não apenas dos conhecimentos consolidados, neste caso não há lugar para o aluno atuar, agir, interagir. A escola tradicional não oferece condições para a formação de um cidadão crítico, o aluno é formado para a passividade. Na escola ele apenas recebe e memoriza conteúdos prontos. Ou seja, o professor é o guia do processo educativo e, ao mesmo tempo, exerce a função de “protagonista” no processo de ensino/aprendizagem. Assim, este tem como função transmitir conhecimentos e informações. Não dando lugar o educando questionar sobre os conteúdos dados.

Assim, este tem como função transmitir conhecimentos e informações. Não dando lugar o educando questionar sobre os conteúdos dados.

No ensino tradicional, nas aulas de língua portuguesa, no ensino fundamental e também no ensino médio, os professores têm uma extrema preocupação de preparar o aluno para o vestibular, através de aulas expositivas com foco na análise de aspectos morfológicos e sintático da modalidade padrão da língua. Nesta perspectiva, os conhecimentos são aferidos através de provas elaboradas para medir a quantidade de conhecimento adquirido pelo educando durante um período de estudo.

^{1 1} Iluminismo: Foi o movimento cultural e intelectual europeu que, herdeiro do humanismo do Renascimento e originado do racionalismo e do empirismo do século XVIII, fundava-se no uso e na exaltação da razão, visto como o atributo pelo qual o homem apreende o universo e aperfeiçoa sua própria condição. Considerava que os objetivos do homem eram o conhecimento, a liberdade e a felicidade. O Iluminismo foi chamado pelos franceses de Siècle des Lumières, ou apenas Lumières, pelos ingleses e americanos de Enlightenment e pelos alemães de Aufklärung.

Esse modelo é bastante criticado, por ser preso a um ensino padronizado e não permitir uma maior aproximação entre professor-aluno, mesmo assim é essa prática tradicional que prevalece nos dias atuais.

Em conformidade com Almeida (2006, p.16 apud: Geraldi, 2006).

Muitas vezes a escola esquece que educação é um problema social, e encara-o como problema pedagógico. Sem o menor respeito pelas condições de vida de seus frequentadores, impõe-lhes modelos de ensino e conteúdos justamente produzidos para a conservação dessa situação injusta, indecente, [...].

A partir dessa ponderação, entendemos que a escola não se preocupa se o aluno possui uma alimentação saudável e condições psicológicas adequadas para que se tenha um bom desempenho pedagógico, simplesmente joga conteúdos programados e sistematizados e o aluno tem por obrigação memorizar e pôr em prática todo conteúdo dado em provas avaliativas, se não conseguir obter ótimas notas será automaticamente reprovado. Não há sequer espaço para tirar dúvidas. O aluno não aprende. E uma das consequências mais comuns desta situação é a evasão escolar.

Segundo Geraldi (2006, p. 89),

Na prática escolar, institui-se uma atividade lingüística artificial: assumem-se papéis de locutor/interlocutor durante o processo, mas não se é locutor/interlocutor efetivamente. Essa artificialidade torna a relação intersubjetiva ineficaz, porque a simula.

Não acontece uma interação professor/ aluno o que ocorre é uma relação autoritária na qual o professor e a escola ensinam; o aluno aprende (se puder). Ainda que muitas pessoas falem que o método de ensino está modificado com aulas dialogadas e que há troca de conhecimentos entre educador e educando facilitando o aprendizado do aluno, observa-se que o método tradicional prevalece no ensino fundamental e médio nas aulas de língua portuguesa do país até os dias atuais.

No ensino tradicional, nas aulas de língua portuguesa, alguns professores inconformados com os programas oficiais buscam conciliar o trabalho de gramática com a linguagem em sala de aula, trabalhando com leitura e conseguinte com a produção de textos, levando assim o aluno a assumir crítica e criativamente a sua posição de sujeito do discurso, seja enquanto fala ou escreve. É o que atesta Leite (2006, p.17e 18),

Sempre as aulas de língua tiveram a tendência a se concentrar na gramática, estudada abstratamente, através de exemplos soltos, de frases pré-fabricadas, sob medida para os fatos gramaticais a exemplificar ou a exercitar.

Todavia, o desejo de mudar, frequentemente esbarra no peso da tradição, ou seja, existe a preocupação de cumprir e justificar teorias do ensino tradicional da gramática como principal forma correta de falar e de escrever, ou como forma objetiva de evidenciar uma produção, um processo e acúmulo de informações notáveis no trabalho do estudante.

No entanto, sabe-se que, para melhorar o ensino de língua portuguesa no ensino tradicional é necessário que os professores não utilizem apenas a modalidade da língua padrão da gramática tradicional e do livro didático e, sim, as variedades apresentadas pelos alunos (as). O professor (a) do ensino de língua materna não deve deter-se no trabalho de ensino/aprendizagem, apenas na ótica da norma culta. Esta deve ser trabalhada, mas não deve ser apresentada como a única forma de uso da língua. Conforme Possenti (2006, p.37, apud: Geraldini.)

O que já é sabido não precisa ser ensinado, de forma que os programas anuais poderiam basear-se mais num levantamento do que falta ser atingido do que num programa hipoteticamente global que vai do simples ao complexo, preso a uma tradição que não se justifica.

No ensino tradicional, nas aulas de língua portuguesa, segue-se um programa de ensino/aprendizagem no qual os conteúdos são ensinados de acordo com a idade do educando. Assim, mesmo que o aluno não tenha aprendido determinado assunto na série que estuda atualmente, no próximo ano serão apresentados novos conteúdos, pois cada série possui sua temática. Ainda

que os professores revisem alguns assuntos, não terão tempo para aprofundar o aprendizado do conteúdo estudado no ano anterior.

Dessa forma, alguns alunos passam pelo ensino básico sem conseguir absorver um conhecimento significativo para continuar os estudos e até mesmo na vida profissional. Os programas educacionais avaliam a quantidade de informações que o educando absorveu e não a qualidade dessas informações que é o mais importante.

2. A Importância do Estudo da Variação Linguística no Ensino de Língua Materna

Vimos que no ensino tradicional, o aluno muitas vezes não possui a “liberdade de expressão” que deveria ter ao questionar sobre determinados conteúdos, ou seja, existe um número considerável de variedades linguísticas que a sociedade e a escola reconhecem, mas mesmo tendo consciência da existência dessas variações a escola e a sociedade não as aceitam, o que levam a tacharem esses usos característicos de cada variedade como certos ou errados. De acordo com Geraldi (1996, p.56):

A existência de variedades linguísticas é um fato empírico inegável. Habitados, com justiça, a observar as diferenças entre os modos de falar temos distinguido, pela análise de diferenças formais (marcas), diferentes dialetos sociais ou regionais. Como é a diferença que identifica, nada mais justo que as descrições linguísticas tenham chamado a atenção fundamentalmente para estas diferenças.

A escola é o primeiro lugar público onde o aluno se expõe ou deveria se expor como locutor. Cada aluno traz consigo uma variante do convívio com sua família e sua comunidade. Ao chegar à escola, essas variantes não são bem aceitas pois, esta instituição exige dialeto culto, ou seja, a linguagem padrão. Com isso alguns alunos se sentem constrangidos por não saberem falar “corretamente”.

É na escola que começa a inserção do aluno na prática da linguagem padrão. Durante anos, o

educando é “obrigado” a estudar a norma culta nas aulas de língua portuguesa, mesmo assim, a maioria dos alunos no final da escolaridade básica não apresenta domínio sobre a língua estudada. Em muitos casos isso ocorre porque as pessoas do meio social onde eles circulam e convivem também não utilizam a linguagem formal. Diferentemente de um aluno que no seu meio social ou na própria família os falantes costumam usar a variante padrão. Dessa forma, esse educando sentirá menos dificuldades no estudo e no uso da linguagem culta.

Segundo Geraldi (1996, p.59), “A escola age como se a língua culta fosse estática, pronta, inabalavelmente infensa a seu uso nos processos interlocutivos”. A escola deve ensinar a língua padrão, mas deixar claro que ela não é a única forma correta de falar. É apenas a que se aproxima mais da forma escrita. Deve mostrar que existem as variantes orais que se modificam de acordo com cada grupo social, regional, de acordo com o sexo e faixa etária dos falantes entre outros fatores.

É importante o estudo da variação linguística no ensino de língua portuguesa para que os alunos percebam as diferentes variações que ocorrem dentro de uma única língua, com povos da mesma nacionalidade. Não é pelo fato de cada região e grupo social usar diferentes dialetos que eles, os falantes, estão falando errado, pois, não existe apenas uma forma correta de se comunicar.

A língua escrita e a língua oral apresentam cada vez mais um conjunto próprio de variedades de grau de formalismo, no entanto, a língua escrita apresenta uma tendência maior para a regularidade do que a língua falada. Mas isso não quer dizer que esta seria formal e aquela informal, pois, existem textos formais na língua falada e textos informais na língua escrita dependendo da situação de comunicação. Exemplo disso são as cartas informais, bilhetes, letras de músicas, textos da internet que são textos escritos, mas apresentam elementos da língua falada.

Embora saibamos que as variantes contemporâneas exercem prioridades sobre as variedades históricas é importante que o professor de língua portuguesa discuta em sala de aula as variantes históricas, mostrando aos seus alunos a modificação dos elementos da cultura e que em uma sociedade a língua está em constante evolução.

Por muito tempo, a escola transmitiu a ideia de que o “certo” é pronunciar como se escreve, como se a escrita tivesse prioridade sobre a fala. A escola é responsável pela formação de cidadãos

conscientes e tem o papel de informar que esta ideologia de que, o “certo” é pronunciar como se escreve, não é correta. A maioria dos professores de português não sabe como lidar com a questão que diz respeito à variação linguística, e fica presa ao ensino das regras normativas não dando ênfase ao processo de produção escrita. O professor de português continua com o mesmo estudo inadequado das nomenclaturas e classificações gramaticais. Assim, o aluno não é convidado a pesquisar outros métodos mais eficientes para que se tenha uma melhor aprendizagem da língua materna com a inserção da variação linguística.

Muitas vezes, na escola, a variação linguística é entendida como sinônimo de falar “errado”. É preciso que se entenda que a variação linguística é a maneira particular de falar de cada indivíduo. Ou seja, a variação não ocorre apenas no modo de falar das comunidades e de grupos sociais, mostra-se também no comportamento de cada pessoa, enfim, de cada falante da língua à medida que se encontra em um determinado lugar ou situação. Segundo Alkmim (2005 p.41), “toda língua é adequada à comunidade que a utiliza, é um sistema completo que permite a um povo exprimir o mundo físico e simbólico em que vive”.

A gramática normativa é usada para o ensino da língua padrão, deixando de lado as variações, mas segundo Castilho (2001.p.158),

Se o ensino de língua portuguesa se concentrasse mais na reflexão da língua falada, a situação do ensino de língua portuguesa mudaria, pois, logo se descobriria a importância desta mesma língua falada para a aquisição da língua escrita.

O professor de língua portuguesa deve compreender a variação linguística, para ter uma visão mais aberta e inclusiva do ensino de língua na escola, numa perspectiva não tradicional, em sala de aula com o trabalho da variação linguística, de acordo com os parâmetros curriculares nacionais de língua portuguesa, [...] o estudo da variação cumpre papel fundamental na formação da consciência linguística e no desenvolvimento da competência discursiva do aluno, devendo estar sistematicamente presente nas atividades de língua portuguesa. (Brasil, 1997, p.82)

Desta forma, o professor de língua portuguesa deve proporcionar o estudo da língua materna de

forma mais diversificada, aceitando a variação que os alunos trazem para a sala de aula, possibilitando uma reflexão para que o aluno seja consciente de que a língua é como uma roupa que deve ser usada de acordo com o contexto, ou seja, de acordo com os lugares sociais e com as interações sociais nas quais o falante está inserido. Alguns professores ainda não sabem como fazer isso. Segundo Geraldi(1996,p.64)

Aquele que aprendeu a refletir sobre a linguagem é capaz de compreender uma gramática _ que nada mais é do que o resultado de uma (longa) reflexão sobre a língua; aquele que nunca refletiu sobre a linguagem pode decorar uma gramática, mas jamais compreenderá o seu sentido.

A variação linguística é um fenômeno importante e rico que ocorre na língua, por isso, os professores devem informar aos educandos sobre as diferentes situações que permitem comportamentos linguísticos diferenciados. A partir deste ponto devem refletir sobre como seria se todos os falantes se comunicassem da mesma forma em todos os momentos de interação.

Mediante essa perspectiva, podemos conscientizar o aluno de que as diferentes variedades que acontecem na língua, nada mais são do que a história e cultura de um povo em ação.

Assim, o ensino de língua portuguesa deve considerar o modo de falar do aluno e informá-lo da importância de saber escolher a variedade linguística adequada a cada situação, para que com o passar do tempo esse educando consiga introduzir sua fala no padrão culto.

Trabalhar a variação linguística no ensino de língua não implica deixar de ensinar a norma padrão. Ao contrário, é preciso ampliar o “dicionário” linguístico dos usuários da língua para que esses falantes possam interagir com tranquilidade nos momentos de interação.

Diante desse aspecto, é necessário que haja a democratização do ensino escolar para as múltiplas variedades linguísticas, sociais, regionais, profissionais, democratização essa que qualquer língua viva propicia.

Portanto, o que se propõe é uma democracia quanto ao reconhecimento dos usos da língua, substituindo a superioridade e o exclusivo lugar que a norma culta tem. De acordo com

(PERINI,1992,p.14).

Há muita coisa feita, mas totalmente inacessível aos que trabalham na escola. Alguém precisa parar um pouco e tentar produzir textos que alcancem, já não digo o aluno, mas pelo menos o professor. É preciso mostrar que há alternativas, e melhores do que o que está aí. É preciso, acima de tudo, mostrar que é possível, e necessário, refletir sobre os problemas da linguagem.

Desta forma, se observa uma necessidade de mostrar aos professores de português os resultados obtidos nas investigações feitas sobre a pluralidade da língua para que os educadores possam desenvolver metodologias para o ensino desta pluralidade. No entanto, não é isso que acontece com os professores de língua portuguesa. Em sua maioria, esses profissionais não têm acesso a materiais que ajudem a trabalhar atividades linguísticas diversificadas para que o aluno tenha uma melhor compreensão sobre a variação linguística existente na língua falada.

Como já foi explicitado, as línguas evoluem e se transformam adquirindo particularidades próprias de cada comunidade. Sendo assim, é preciso que o professor de língua portuguesa ensine aos seus alunos o que é a variação linguística. Assim, eles irão valorizar a sua língua materna e se tornarão pessoas cada vez mais críticas e participativas na sociedade.

3. A Relação Entre Linguagem Formal, Informal e Contextos Sociais

A linguagem é um instrumento de comunicação indispensável na vida de todo ser humano. O ambiente social oferece vários níveis de linguagem para que seus falantes interajam com facilidade, um desses níveis é a linguagem formal, que geralmente é usada em situações formais como uma aula, uma entrevista de emprego etc. e a informal que é utilizada em situações informais como as conversas descontraídas dos estudantes nos intervalos das aulas. A língua faculta aos membros de uma comunidade a possibilidade de comunicação, por isso tem um papel cada vez mais importante nas relações humanas.

Segundo Pretti (1982,p.1)

Entre sociedade e língua, de fato, não há uma relação de mera casualidade. Desde que nascemos, um mundo de signos linguísticos nos cerca e suas inúmeras possibilidades comunicativas começam a tornarem-se reais a partir do momento em que, pela imitação e associação, começamos a formular nossas mensagens. E toda a nossa vida em sociedade supõe um problema de intercâmbio e comunicação que se realiza fundamentalmente pela língua, o meio mais comum de que dispomos para tal.

Todavia, o indivíduo ao falar, além dos esquemas linguísticos de que ele se serve como emissor na sua produção linguística conhece outras formas e esquemas que não utiliza, mas que são usados por outros indivíduos, cujas formas de falar não são idênticas à sua. Sendo assim, as variantes de uma comunidade de fala encontram-se sempre em relação de concorrência: padrão versus não padrão. A variante padrão é a que mais se aproxima da escrita e é a que goza de prestígio social. Ao contrário, a não padrão não ocupa lugar de destaque na sociedade, por não se aproximar da forma escrita em certos momentos de interação entre os falantes. Tarallo (1999, p.19), afirma que:

[...] a língua falada a que nos temos referido é o veículo linguístico de comunicação usado em diversas situações naturais de interação social, do tipo comunicação face a face. É a língua que usamos em nossos lares ao interagir com os demais membros de nossas famílias. É a língua usada nos botequins; clubes, parques, rodas de amigos; longe da tutela dos professores. É a língua falada entre amigos, inimigos, amantes e apaixonados.

Observa-se que no momento da fala não há uma preocupação com o “como” da enunciação e que, a língua falada é um sistema de regras variável, ou seja, ela não segue um padrão como a língua escrita. Segundo Bagno (2001, p.160).

[...] graves diferenças de status social [...] explicam a existência em nosso país, de um verdadeiro abismo linguístico entre os falantes da variedade não padrão do português brasileiro que são a maioria da nossa população e os falantes da (suposta) variedade culta, em geral, mal definida, que é a língua ensinada na escola.

Isso significa que a maioria dos milhões de brasileiros não têm acesso à língua portuguesa considerada “correta”, ou seja, essa maioria não faz parte da classe prestigiada por não ter em seu dicionário linguístico palavras consideradas cultas para a sociedade.

Se o indivíduo domina a linguagem formal (cultura), será visto pela sociedade como uma pessoa instruída, que é capaz de interagir nos mais diferentes ambientes sociais sem preocupação de estar se comportando de forma correta com relação à língua. Estas pessoas conseguem ler e escrever com mais coesão e coerência do que aquelas que não possuem uma instrução ou escolarização adequada, que permita-lhes se comunicarem no meio social com a mesma desenvoltura que as demais, consideradas da classe de prestígio.

Sabe-se que é uma pequena parte da população brasileira que possui o privilégio de ter acesso à língua formal. Na maioria das vezes, os mais humildes não têm condições de estudar, pois precisam trabalhar para sustentar suas famílias. De acordo com Almeida (2006, p.14 apud, Geraldi, 2006)

Miséria social e miséria da língua confundem-se. Uma engendra a outra, formando o quadro triste da vida brasileira, vale dizer, o quadro deprimente da fala brasileira. A economia desumana praticada no Brasil mata mesmo antes de nascer milhares de futuros. A taxa de mortalidade infantil do Brasil é uma das maiores do mundo, a voz de milhares de brasileiros é calada mesmo antes de conseguir dar o primeiro choro. Mas alguns ainda conseguem chegar até os dois anos e aí apropria-se de um instrumento importante, a língua, a linguagem.

Partindo deste aspecto, podemos observar que a grande desigualdade social existente na sociedade brasileira não se reflete apenas nos bens materiais, mas também na cultura de um povo, que não tem oportunidade de conhecer as diversas formas de linguagem para se comunicar mais e melhor nos mais diferentes ambientes que a sociedade exige para ser considerado um cidadão culto da língua portuguesa.

A linguagem é um recurso indispensável para a comunicação das pessoas, seja a linguagem verbal, virtual, áudio visual entre outras. No entanto, nem todos têm direito a participar dessas

formas de interação. Por não terem oportunidades tornam-se pessoas passivas diante da sociedade, sem um pensamento crítico, por não conhecerem e não entenderem o “poder” que a linguagem possui no ambiente social.

4. Dados das Professoras que Participaram da Pesquisa

A presente pesquisa foi realizada através de questionário aplicado junto às professoras do ensino fundamental e médio de duas escolas (uma escola de ensino médio e uma de fundamental). Participaram da pesquisa quatro professoras do ensino fundamental e médio, em duas escolas públicas da cidade de Riachão, a escola Estadual Pedro Ribeiro de Lima (trata-se de uma escola de ensino médio), e a Escola Municipal de Ensino Fundamental Menino Jesus. Na Escola Estadual participou da pesquisa uma professora que leciona do primeiro ao terceiro ano do ensino médio. Nesta pesquisa identificamos esta professora como professora A com Graduação em Letras com especialização em língua/linguística, leciona na escola estadual de ensino médio Pedro Ribeiro de Lima no turno manhã e tarde nas séries/anos: 1º ao 3º ano – ensino médio.

A segunda entrevistada foi identificada como professora B, esta com formação em Letras-Português, leciona na escola municipal de ens. fund. Menino Jesus na cidade de Riachão no turno tarde nas turmas do 7º ano. A professora C com formação em Letras- Português/Inglês leciona na escola municipal Menino Jesus no turno da Tarde nas turmas do 8º ano. A quarta entrevistada chamamos de professora D, com formação em Licenciatura Plena em Letras leciona na escola Menino Jesus no turno da tarde nas turmas do 9º ano e no 1º/2ºe3º(médio)em outra instituição. O seguinte questionário foi aplicado com o objetivo de enriquecer este trabalho com a participação de profissionais da área de língua portuguesa.

1. Você acha importante trabalhar o ensino da variação linguística?

_Professora A: Sim, pois sem esse trabalho reduz-se a língua a normas gramaticais, com a intenção de reduzi-la a norma padrão, dissociando-a da sociedade e de seu uso em um contexto social.

Professora B: Com certeza.

Professora C: O ensino da variação linguística é muito importante, pois, possibilita o conhecimento de várias culturas.

Professora D: Sim. É um conteúdo divertido, bom de ser trabalhado.

2.Como você trabalha a variação linguística?

Professora A: Através de textos que contemplem a formalidade e informalidade, de análise e reflexão que contextualiza a língua em uso nos seus mais diversos gêneros textuais. Os típicos da norma padrão e também os da linguagem não padrão.

Professora B: A partir de leituras e interpretações de variados textos e atividades de compreensão e relatos de experiência, embasadas no livro didático e material do gestar II.

Professora: C: Trabalho através de textos, dinâmicas, filmes e dramatizações.

Prof:D: Através de textos, letras de músicas, vídeo, na tentativa de desmistificar o preconceito linguístico.

3.Qual é o papel do livro didático que você utiliza no ensino da variação linguística?

Prof: A: Quando o livro contempla a língua de forma heterogênea, têm-se um grande suporte, tendo em vista que em escola pública, a escassez de material é uma realidade dura e cruel. O bom livro didático apresenta contextos claros de uso da língua em suas variações.

Prof: B: Levando em consideração que o L.D. usado nas turmas de 7ºanos, " Tudo é linguagem ", faz uma introdução sobre o estudo da variação linguística, o papel do L.D. utilizado, nada mais é, que o de apresentar o conteúdo aos educandos.

Prof:C: Possibilitar um melhor suporte para o ensino da variação linguística.

Prof: D: Serve apenas para acrescentar. Uma vez que os livros que utilizamos tratam desse conteúdo de forma superficial.

4.Na sua opinião, o ensino da variação linguística contribui para o aluno compreender melhor a língua portuguesa?

Prof: A: Sim. A desconstrução de que a língua não é apenas a norma padrão, tida pelos alunos como “difícil”, “chata”, tendo em vista que esta está associada a normas, regras, apenas é possível a partir de um ensino que considere a variação.

Prof: B: Sim, uma vez que vários pontos importantes do ensino da língua giram em torno da variação linguística e da maneira como ela é explorada.

Prof: C: Contribui, pois os alunos compreendem a diferença e passam a escrever de forma culta.

Prof: D: Sim. É muito importante. A diversidade de sotaques, as mudanças, mostram o quanto nossa língua é viva e dinâmica.

5. Do seu ponto de vista, como está o ensino de língua portuguesa hoje?

Prof: A: Observo que o ensino hoje considerada a língua em sua dinamicidade e complexidade, tendo em vista a formação de novos profissionais e a formação continuada dos docentes em atuação há mais longo tempo. Neste sentido, avançamos, entretanto, como realidade educacional estamos inseridos em um contexto ainda de grande atraso estrutural e metodológico. Avançamos no “modo de fazer” este ensino, mas a qualidade tão desejada ainda não é visível e não foi alcançada.

Prof: B: O ensino da língua, ainda encontra-se fragmentado, embora, fala-se muito em contextualidade. Mas vale a ressalva de que cabe a nós educadores o dever de incluir e contextualizar a língua portuguesa no cotidiano dos educandos.

Prof: C: O ensino de língua portuguesa está deficiente, existem livros que não ajudam, pois o certo seria conteúdos referentes a realidade do educando. O ensino não os atrai.

Prof: D: Menos formal, mas, a diversidade de gêneros e situações facilita a compreensão e as necessidades de comunicação dos usuários.

5. Análise dos dados:

De acordo com as professoras entrevistadas na cidade de Riachão, o estudo da variação linguística é muito importante, pois, sem este trabalho, o ensino da língua reduz-se apenas às normas gramaticas, deixando de lado as variantes da língua falada que são importantíssimas na interação dos indivíduos nos mais diversos grupos e ambientes sociais. Além destes aspectos, o estudo da variação linguística é bom de trabalhar, pois, apresentado de forma divertida se torna cada vez mais prático e de fácil compreensão. Possibilita o educando a conhecer diferentes culturas existentes nas diversas regiões do país e do mundo.

Ainda em concordância com as entrevistadas, o ensino da variação linguística é trabalhado com textos que contemplem a formalidade e informalidade, de análise e reflexão que contextualizem a língua em uso nos seus mais diversos gêneros textuais. São trabalhados também, através de letras de músicas, dinâmicas, dramatizações, filmes e vídeos que abordam o assunto tentando desmistificar o preconceito linguístico. De forma mais prática pode-se trabalhar a partir de leituras, interpretações de variados textos, atividades de compreensão e relatos de experiências embasadas no livro didático.

Segundo as professoras, quando o livro didático contempla a língua de forma heterogênea, têm-se um grande suporte para trabalhar o conteúdo da variação linguística. No entanto sabe-se que o material usado na escola pública apresenta esse assunto de forma superficial, essa é uma realidade dura e cruel na rede pública. O livro didático acrescenta pouco conteúdo sobre variação linguística, pois, estes tratam desse conteúdo de forma vaga, ou seja, tem apenas a função de dar um pequeno suporte ao professor deixando assim, uma grande lacuna no ensino da variação linguística.

Entendemos que, a prática pedagógica do professor de Língua Portuguesa associada à sociolinguística contribui significativamente para que o ensino de Língua Portuguesa seja mais democrático e contextualizado. Assim, a desconstrução de que a língua não é apenas a norma padrão, tida pelos alunos como “difícil”, “chata”, estando associada a normas e regras é possível, a partir de um ensino que considere a variação. O estudo da variação linguística contribui também para que os alunos compreendam a diferença entre norma padrão e não padrão e passem a escrever de forma correta e não da maneira como fala. Segundo as professoras, o ensino da variação linguística é

muito importante, pois, a diversidade de sotaques, as mudanças, mostra o quanto a nossa língua é viva e dinâmica.

Por fim, percebe-se que o ensino de língua portuguesa considera a dinamicidade e complexidade da língua, tendo em vista que os profissionais estão sempre se formando e informados para atender melhor ao aluno, enquanto avançam na formação dos profissionais a realidade educacional ainda se encontra num grande atraso estrutural e metodológico, ou seja, fragmentado com pouca contextualidade entre o ensino de gramática e o ensino da variação linguística, mas vale ressaltar de que, cabe a nós educadores o dever de incluir e contextualizar a língua portuguesa no cotidiano dos educandos. Ainda em conformidade com as entrevistadas o ensino está deficiente, pois, têm livros que não ajudam o professor a desenvolver um trabalho de qualidade sobre variação, o certo seria conteúdos referentes à realidade do educando. Partindo deste ponto vimos que, mesmo a educação estando menos formal, o ensino das normas gramáticas não atrai os alunos. Portanto percebemos que avançamos no “modo de fazer” este ensino, mas a qualidade tão desejada ainda não foi alcançada.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao longo deste trabalho, vimos à importância de inserir nas aulas de Língua Portuguesa uma reflexão em torno da língua, que apresenta variações nos mais diferentes aspectos da via oral. E a via escrita que é considerada a forma de prestígio para a sociedade. Notamos também que existe uma deficiência no sistema educacional com relação aos materiais disponíveis para o ensino da variação linguística nas escolas de ensino fundamental e médio, os profissionais não têm acesso a pesquisas e resultados feitos sobre os benefícios de como deve ser trabalhada a variação linguística na escola, lugar este que recebe diferentes variedades.

Sabe-se que o ensino da variação linguística contribui para o aluno compreender a língua portuguesa, pois, a desconstrução de que a língua não é apenas a norma padrão mostra a diversidade de pronúncias que a língua possui por ser viva e dinâmica, dessa forma o aluno irá escrever mais e melhor, saberá onde e quando pode escrever formal ou informalmente.

A presente pesquisa identificou que ao trabalhar as variedades linguísticas em sala de aula, o professor de língua portuguesa estará contribuindo para a formação de pessoas capacitadas para compreender e usar a linguagem corretamente nos diferentes contextos sociais, tentando reduzir o preconceito linguístico existente no ambiente escolar.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALKMIN, T.M. Sociolinguística parte I. In: MUSSALIM, F.BENTES, A.C.(org.).

Introdução à linguística: domínios e fronteiras. 5ª ed. São Paulo: Cortez, 2005.

ALMEIDA, Milton José de. Ensinar Português? In. GERALDI, João Wanderley. (org.). **O texto na sala de aula.** 4ª ed. São Paulo: Ática, 2006.

BAGNO, Marcos. **Preconceito Linguístico: o que é, como se faz.** 2ª edição. São Paulo: Loyola, 2001.

CASTILHO, A.T de. **A língua falada no ensino de português.** 3ª ed. São Paulo: contexto, 2001.

BRASIL. Secretaria da Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais: Língua Portuguesa.** Brasília, 1998.

GERALDI, João Wanderley. **Linguagem e ensino: exercícios de militância e divulgação/**João Wanderley Geraldi- Campinas, SP: Mercado de Letras: Associação de Leitura do Brasil, 1996. (Coleção Leituras no Brasil)

GERALDI, João Wanderley organizador; **O na texto sala de aula;** Milton José de Almeida... [et al.].-4.ed.-São Paulo: Ática, 2006. il.-(Na sala de aula)

LEITE, Lígia Chiappini de Moraes. Gramática e Literatura: Desencontros e Esperanças. In. Geraldi, João Wanderley. (org.). **O texto na sala de aula.** 4ª ed. São Paulo: Ática, 2006.

PERINI, Mário A. **Gramática, descritiva do português.** São Paulo: Ática, 1992.

POSSENTI, Sírio. Sobre o Ensino de Português na Escola. In. GERALDI, João Wanderley. (org.).**O texto na sala de aula.** 4ª ed. São Paulo: Ática, 2006.

PRETTI, Dino. **Sociolinguística: os níveis de fala.** 4ª edição. São Paulo: Nacional, 1982.

NOVA ENCICLOPÉDIA BARSÁ. São Paulo: Encyclopaedia Britannica do Brasil Publicações, p: 25,1998.

TARALLO, Fernando. **A pesquisa Sociolinguística.** 3ª edição. São Paulo: Ática, 1990.

TRAVAGLIA, Luiz Carlos. **Gramática e interação: uma proposta para o ensino de gramática no 1º e 2º graus.** 6ª ed. São Paulo: Cortez, 2001.

APÊNDICE

TRABALHO DE CONCLUSÃO DO CURSO DE LETRAS-UEPB
 Maria Auricélia de Oliveira Ferreira

Nome: Professora: A
 Cidade: Recife Formação: Graduação em Letras (Especialização em Língua e Linguística)
 Escola que leciona: Escola Estadual de Ensino Médio Pedro Breda Lima
 Turno: matutino Série/Anos: 10^o e 11^o - Ensino médio

Questionário

1. Você acha importante trabalhar o ensino da variação linguística?

Sim, pois ao mesmo tempo trabalha a linguagem e as normas que mantêm, com a intenção de educá-la na mesma medida, e disseminando a realidade e de seu uso em um contexto social.

2. Como você trabalha a variação linguística?

Atividades de textos que contemplam a formalidade e informalidade, de análise e interpretação que contextualiza a língua em uso mas sem mais discussões gramaticais textuais. Contempla da mesma forma e também as de linguagem oral.

3. Qual é o papel do livro didático que você utiliza no ensino da variação linguística?

Quando o livro contempla a língua de forma heterogênea, tem-se um grande acerto, tendo em vista que com escala reduzida, a escassez de material e uma realidade dura e árdua. O bom livro didático apresenta contextos claros de uso da língua em suas variedades.

4. Na sua opinião, o ensino da variação linguística contribui para o aluno compreender melhor a língua portuguesa?

Sim, a desnaturalização de que a língua não é apenas a mesma padrão, toda feita através como "depois", "clara", tendo em vista que esta está vinculada a variedades gramaticais e presentes a partir de um ensino que expande a validade.

5. Do seu ponto de vista, como está o ensino de língua portuguesa hoje?

Observo que o ensino hoje favorece a língua em sua dinamicidade e simplicidade, tendo em vista a importância de novas proposições e a importância fundamental de se lidar com situações há muito tempo muito sentidas e compreendidas, e sobretudo, uma realidade educacional que vem sendo com um contexto ainda de grande riqueza estrutural e metodológica. Avançamos no "modo de fazer", este ensino, mas a qualidade está desvirtuada e ainda não se viu a mão foi alcançada.

TRABALHO DE CONCLUSÃO DO CURSO DE LETRAS-UEPB

Maria Auricélla de Oliveira Ferreira

Nome: Professora: B
 Cidade: _____ Formação: Letras - Língua Portuguesa
 Escola que leciona: EMEF Alencino Alves
 Turno: Tarde Séries/ Anos: 7º ano

Questionário

1. Você acha importante trabalhar o ensino da variação linguística?

Com certeza.

2. Como você trabalha a variação linguística?

A partir de leituras e interpretações de variados textos e atividades de compreensão e produção de referências, abordados no livro didático e material de trabalho.

3. Qual é o papel do livro didático que você utiliza no ensino da variação linguística?

Trabalha em conexão com o L.D. Mack no ensino de 7º ano. Tem a linguagem por uma introdução sobre a língua da variação linguística, o papel de ler, utilizando cada vez que se de apresenta a linguagem.

4. Na sua opinião, o ensino da variação linguística contribui para o aluno compreender melhor a língua portuguesa?

Sim, uma vez que são pontos importantes do ensino da língua que em termos de variação linguística e da maneira como ela é explorada.

5. Do seu ponto de vista, como está o ensino de língua portuguesa hoje?

O ensino da língua ainda encontra-se fragmentado, embora seja muito em contextualização. Mas não a respeito de que seja a não educadora a dever de incluir a contextualização a língua Portuguesa no cotidiano dos alunos.

TRABALHO DE CONCLUSÃO DO CURSO DE LETRAS-UEPB

- Maria Anjeleia de Oliveira Ferreira

Nome: Profa. Suzara : C
 Cidade: Monte das Furnas formação: Letras - Português
 Escola que leciona: Memória Souza
 Turno: Tarde Séries/ Anos: 8º ano

Questionário

1. Você acha importante trabalhar o ensino da variação linguística?

O ensino da variação linguística é muito importante pois possibilita o conhecimento de várias culturas.

2. Como você trabalha a variação linguística?

Trabalho através de textos, dinâmicas, filmes e dramatizações.

3. Qual é o papel do livro didático que você utiliza no ensino da variação linguística?

Possibilita um melhor suporte para o ensino de variação linguística.

4. Na sua opinião, o ensino da variação linguística contribui para o aluno compreender melhor a língua portuguesa?

Contribui, pois os alunos compreendem a diferença e possuem a consciência de forma culta.

5. Do seu ponto de vista, como está o ensino de língua portuguesa hoje?

O ensino de língua portuguesa está deficiente, existem muitos defeitos, quando se trata de conteúdo, conteúdo relevante e qualidade de educação, também não se atualiza.

TRABALHO DE CONCLUSÃO DO CURSO DE LETRAS-UEFS

María Auricélia de Oliveira Ferreira

Nome: Professora: D
 Cidade: Conceição do Rio Preto UF: Alagoas Município: Conceição do Rio Preto
 Escola que leciona: Escola Estadual de Ensino Médio / Sociologia
 Turno: Tarde Séries/ Anos: 9ª - 1ª / 2ª / 3ª (médios)

Questionário

1. Você acha importante trabalhar o ensino da variação linguística?

Sim, é um conteúdo diversificado, bem de ser trabalhado.

2. Como você trabalha a variação linguística?

Através de textos, letras de músicas, vídeo, na tentativa de domesticar o fenômeno linguístico.

3. Qual é o papel do livro didático que você utiliza no ensino da variação linguística?

Serve apenas para acrescentar uma vez que os livros que utilizamos tratam desse conteúdo de forma superficial.

4. Na sua opinião, o ensino da variação linguística contribui para o aluno compreender melhor a língua portuguesa?

Sim, é muito importante. A diversidade de sotaques, as mudanças, mostram o quanto nessa língua é viva e dinâmica.

5. Do seu ponto de vista, como está o ensino de língua portuguesa hoje?

Menos formal, mas a diversidade de gêneros e situações facilita a compreensão e as necessidades de comunicação dos usuários.